Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Introdução à lingüística : domínios e fronteiras, v. 1 / Fernanda Mussalim, Anna Christina Bentes (orgs.) – São Paulo : Cortez, 2001

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 85-249-0772-X

1. Lingüística 2. Lingüística – Estudo e ensino I. Mussalim, Fernanda. II. Bentes, Anna Christina.

01-0320 CDD-410

Índices para catálogo sistemático:

1. Lingüística 410

fernanda mussalim
anna christina bentes
organizadoras

Ana Paula Scher • Angel Corbera Mori • Anna Christina Bentes • Filomena Sândalo • Gladis Massini-Cagliari • Luis Carlos Cagliari • Marina R. A. Augusto • Nilson Gabas Jr. • Roberto Gomes Camacho • Rosane de Andrade Berlinck • Tânia Alkmim

introdução à lingüística

domínios e fronteiras

Volume 1

CORTEZ EDITORA

2

LINGÜÍSTICA HISTÓRICA[1]

Nilson Gabas Jr.

1. INTRODUÇÃO

A Lingüística Histórica estuda os processos de mudança das línguas no tempo. Os estudos históricos, principalmente os desenvolvidos a partir do século XIX com o latim, o grego e o sânscrito, são tão importantes em lingüística (conforme veremos na seção 2) que a própria disciplina, a Lingüística, afirmou-se como ciência a partir deles.

Neste capítulo, estudaremos as principais características da Lingüística Histórica, em três seções distintas. Na seção 2, relataremos, concisamente, a história da Lingüística Histórica, a fim de dar ao leitor um panorama geral de como se desenvolveu esse ramo da Lingüística e também para situar sua importância na história da disciplina. Na seção 3, descreveremos em detalhes os vários tipos de mudança lingüística possíveis de ocorrer nas línguas do mundo, como as diversas modalidades de mudanças de som, os processos de analogia, as mudanças gramaticais e semânticas. Na seção 4, apresentaremos como ocorre a classificação genética entre línguas e o principal método de reconstrução lin-

1. Agradeço os valiosos comentários do Prof. Aryon Dall'Igna Rodrigues, feitos durante a elaboração deste capítulo.

güística utilizado para esse fim, o método comparativo, que teve início no século XIX e que continua a ser utilizado até hoje como um poderoso mecanismo de reconstrução histórica de línguas.

2. O INÍCIO DA LINGÜÍSTICA HISTÓRICA

Semelhanças aparentes entre línguas distintas sempre chamaram a atenção de estudiosos e curiosos em todo o mundo. Foi, no entanto, apenas no final do século XVIII que Sir William Jones, um juiz inglês na Índia, oficial e acertadamente propôs que o latim, o grego e o sânscrito eram línguas aparentadas entre si. Sir Jones foi além: não apenas demonstrou, com os métodos de correspondência de som, que tal afirmação era possível de ser comprovada, como também hipotetizou que as três línguas eram derivadas de uma outra língua, possivelmente já extinta (hoje sabemos que se trata do proto-indo-europeu). Era o começo de estudos sistemáticos em Lingüística Histórica e Comparativa, que, graças à farta quantidade de registros históricos, se concentraram nas línguas indo-européias.

Depois de Sir William Jones, as principais contribuições para o estudo e entendimento das relações entre as línguas indo-européias foram feitas pelos dinamarqueses Rasmus Rask e Karl Verner e pelo alemão Jacob Grimm. Ao comparar latim, grego e sânscrito com as línguas germânicas (alemão, inglês, dinamarquês, holandês etc.), Rask descobriu, e um pouco mais tarde Grimm aperfeiçoou analiticamente, as seguintes mudanças com relação à língua-mãe, o proto-indo-europeu (PIE)[2]:

1) as consoantes oclusivas surdas (p, t, k, kw) do PIE mudaram em fricativas surdas correspondentes (f, θ, h, hw) nas línguas germânicas;

2) as consoantes oclusivas sonoras (b, d, g, gw) do PIE mudaram em oclusivas surdas correspondentes (p, t, k, kw) nas línguas germânicas;

3) as consoantes aspiradas sonoras (bh, dh, gh, gwh) do PIE mudaram em oclusivas não-aspiradas sonoras correspondentes (b, d, g, gw) nas línguas germânicas.

Embora Grimm tenha chamado tais mudanças de "mudanças de som", elas ficaram conhecidas mais tarde como "Lei de Grimm", e a metodologia para seu estabelecimento serviu como base para outros pesquisadores estabelecerem e comprovarem mudanças de som em outras línguas do mundo.

2. Para uma melhor compreensão dos conceitos fonéticos aqui descritos, ver os capítulos "Fonética" e "Fonologia" neste volume.

Os estudos com línguas indo-européias continuaram, e descobriu-se, mais tarde, que um grupo de palavras da família germânica parecia desafiar as leis de Grimm, quando comparadas ao grego ou latim. Foi constatado que, em algumas palavras da família germânica, as consoantes sonoras /b/, /d/ e /g/ correspondiam às consoantes surdas /p/, /t/ e /k/ do grego, em vez de corresponder à série de consoantes fricativas /f/, /θ/ e /x/, como previa a "Lei de Grimm". Alguns exemplos são apresentados a seguir.

TABELA 2.1

Alemão Antigo	ubar	"sobre"
Grego	hupér	"sobre"
Inglês Antigo	fæder	"pai"
Grego	patḗr	"pai"
Alemão Antigo	swigur	"sogra"
Grego	hekurá	"sogra"

Exemplos como esses tornaram-se um problema para as mudanças de som propostas por Grimm e intrigaram estudiosos por algum tempo, até que Karl Verner propôs uma solução satisfatória. Segundo Verner, uma mudança fonológica teria ocorrido *posteriormente* às mudanças de som propostas por Grimm, em que as consoantes fricativas /f/, /θ/ e /h/ das línguas germânicas teriam passado às oclusivas sonoras /b/, /d/ e /g/ correspondentes em início de sílabas pretônicas. Verner resolveu, assim, o impasse e, como Grimm, teve sua solução batizada com o nome de "Lei de Verner".

Rask, Grimm e Verner foram, não obstante, apenas os mais eminentes pesquisadores das línguas indo-européias. O clima para estudos de caráter comparatista durante o século XIX era contagiante, sendo vários os estudiosos que os seguiram, ou que desenvolveram novos estudos comparativos baseados nos princípios anteriormente desenvolvidos, contribuindo sobremaneira para o desenvolvimento e sistematicidade de estudos de reconstrução lingüística.

Dentre o segundo grupo de estudiosos destaca-se um grupo (ou escola) centrado na Universidade de Leipzig, na Alemanha. Os membros deste grupo, denominado *neogramáticos*, eram contra os métodos vigentes da com-

paração lingüística. Eles questionavam basicamente o fato de os estudos comparatistas basearem-se em dados de língua escrita e não de língua falada[3]. Para dar conta das mudanças nas línguas estudadas, os neogramáticos apregoavam o reconhecimento e a utilização de dois princípios: (i) o princípio da não excepcionalidade das regras de mudança de som[4]; (ii) o princípio da analogia[5].

Os métodos preconizados pelos neogramáticos nortearam os trabalhos em lingüística comparativa até meados do século XX, quando a esses se opôs Wang (1969), em sua proposta posteriormente conhecida como "teoria da difusão lexical". Tarallo (1990) descreve assim esta controvérsia entre neogramáticos e difusionistas:

> A controvérsia entre os neogramáticos e os defensores da difusão lexical gira em torno de dois pares de termos: som e palavra, de um lado, e gradual e abrupto, de outro. Assim, para os neogramáticos a mudança fonológica é foneticamente gradual, mas lexicalmente abrupta; para os "difusionistas", a mudança fonológica é, ao contrário, foneticamente abrupta, mas lexicalmente gradual.[6]

Sabemos, hoje em dia, graças a essa controvérsia (resolvida por Labov, em 1981)[7], que as leis de mudança de som não são tão poderosas quanto preconizadas pelos neogramáticos, e que há inúmeros casos em que elas ocorrem lenta e gradualmente, obedecendo à história de cada palavra, de acordo com os preceitos da teoria da difusão lexical.

Considerando a rigidez científica com que foram postulados e efetuados, é possível perceber que os estudos comparativos com as línguas indo-européias, nos séculos XVIII e XIX, contribuíram de maneira fundamental para o nascimento e progresso da Lingüística Histórica e para o próprio estabelecimento da Lingüística como ciência[8].

3. Para uma discussão mais aprofundada sobre o papel dos neogramáticos na construção das teorias na Lingüística Histórica, ver Tarallo, F., *Tempos lingüísticos,* São Paulo, Ática, 1990.

4. Segundo os neogramáticos, as leis de mudança de som operam *sem exceção*. As aparentes exceções eram passíveis de ser definidas por meio de condicionamento fonético (como a Lei de Verner) e, para dirimi-las, era necessário apenas a formulação de uma outra regra incluindo a descrição de tal condicionamento.

5. O processo de analogia é discutido na seção 2.2.

6. Tarallo, F. *Tempos lingüísticos*. São Paulo, Ática, 1990, p. 69.

7. Para uma descrição pormenorizada da controvérsia envolvendo neogramáticos e difusionistas, ver Tarallo, F., *Tempos lingüísticos,* São Paulo, Ática, 1990.

8. Para uma maior e mais detalhada descrição da história da Lingüística, ver Câmara Jr., J. M., *História da lingüística,* Petrópolis, Vozes, 1975.

3. MUDANÇA LINGÜÍSTICA

Toda língua falada no mundo está em constante processo de mudança. As mudanças que ocorrem, no entanto, não são imediatamente sentidas pelos falantes, nem estes falantes estão necessariamente conscientes de tais mudanças. Isso se deve, via de regra, a três fatores: a) as mudanças são lentas e graduais; b) elas são parciais, envolvendo apenas partes do sistema lingüístico e não o seu todo; c) elas sofrem influência de uma força oposta, a força de preservação da intercompreensão. Em princípio, e dado um contexto apropriado, qualquer parte de uma língua pode mudar, desde o nível fonético-fonológico (dos sons) até o nível semântico (do significado). Nas subseções que se seguem, trataremos de descrever em detalhe cada um dos possíveis tipos de mudança lingüística, isto é, as mudanças de som (seção 3.1), as mudanças por meio de analogia (seção 3.2), as mudanças na gramática (seção 3.3) e na semântica (seção 3.4).

3.1. Mudança de som[9]

Um dos principais mecanismos de mudança lingüística é o de mudança de som. Para que uma mudança de som ocorra, deve existir, em primeiro lugar, uma *variação*[10] lingüisticamente não-distintiva entre dois ou mais sons, durante um certo período de tempo. O termo *lingüisticamente*, usado aqui para descrever variação não-distintiva, é importante, já que o uso de um ou outro som não implica diferenças de significado, mas pode implicar diferenças de *status* social etc.

Visto que é antieconômico para os falantes de uma língua terem duas variantes de uma mesma palavra, a tendência é que apenas uma delas sobreviva. É muito difícil, no entanto, predizer quando ou mesmo se uma determinada forma vai suplantar a outra, e qual delas será a vencedora. Isso se deve principalmente ao fato de que é impossível prever o que uma comunidade lingüística irá ou deixará de adotar como forma padrão, já que não é incomum observar casos em que fortes tendências a determinadas mudanças não se concretizam. Quanto à sua natureza, as mudanças de som são classificadas de acordo com o tipo de

9. Os processos de mudança de som são tradicionalmente conhecidos como *metaplasmos*.

10. Para uma melhor compreensão do fenômeno de variação lingüística, ver o capítulo "Sociolingüística" (partes I e II) neste volume.

processo envolvido. Estes podem ser, basicamente, de perda ou adição de fonemas, assimilação, dissimilação, duração (ou prolongamento) e metátese[11]. Descrevemos, a seguir, cada um deles.

3.1.1. Perda ou adição de fonemas

Os processos de perda ou adição são os tipos mais freqüentes de mudança de som. Neles, um fonema é perdido ou ganho como resultado da mudança. Veja, por exemplo, a mudança de /p/ do indo-europeu para Ø nas línguas celtas (p > Ø) tanto em início quanto em meio de palavra[12]:

TABELA 2.2

Indo-Europeu	*Irlandês Antigo*	
*pətēr[13]	athair	"pai"
*nepot-	nie	"sobrinho"
*tepent-s	tëe	"quente"

Como exemplo de mudança de adição, temos a inserção da vogal /e/ nas palavras do português, espanhol e francês provindas das palavras do Latim que iniciavam em /s/ + consoante:

TABELA 2.3

Latim	*Português*	*Espanhol*	*Francês*
sponsu	**e**sposo	**e**sposo	**é**poux
schola	**e**scola	**e**scuela	**é**cole

11. Diferentes autores variam quanto à classificação dos tipos de mudança de som e também quanto à terminologia utilizada para descrevê-los. Para observar processos de mudança de som especificamente do português em relação ao latim, ver Coutinho, I. L., *Pontos de gramática histórica,* Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

12. O asterisco usado antes de uma palavra indica que tal palavra é uma reconstrução, feita a partir de dados colhidos de línguas aparentadas. Maiores detalhes sobre reconstrução lingüística serão dados na seção 4.2.

13. O símbolo [¯] (macron) usado sobre vogais no latim indica prolongamento em sua pronúncia.

3.1.2. Assimilação

Os processos de assimilação são os processos pelos quais um som condiciona a ocorrência de outro som, tanto no ponto ou modo de articulação, quanto no vozeamento[14]. Existem basicamente três tipos de assimilação, regressiva, progressiva e de enfraquecimento. Nos processos de assimilação regressiva e progressiva podem participar tanto sons consonantais quanto vocálicos. O tipo mais comum de assimilação, tanto para consoantes quanto para vogais, é o regressivo, em que um som se assimila a outro que o segue. Como exemplo de assimilação regressiva envolvendo consoantes, vejamos o caso do desenvolvimento do latim para o italiano, em que os grupos de consoantes -ct- e -pt- do latim passaram a -tt- em italiano:

TABELA 2.4

Latim	*Italiano*	
no**ct**em	no**tt**e	"noite"
fa**ct**um	fa**tt**o	"feito"
se**pt**em	se**tt**e	"sete"
a**pt**um	a**tt**o	"apto"

Como exemplo de assimilação regressiva envolvendo vogais, vejamos o exemplo a seguir, em que, no desenvolvimento do latim para o português, uma vogal central mudou em vogal posterior por assimilação à vogal posterior que a seguia:

TABELA 2.5

Latim	*Português*
aut	**ou**
aurum	**ou**ro
t**au**rum	t**ou**ro

14. Para uma melhor compreensão dos conceitos de modo de articulação, ponto de articulação e vozeamento, ver os capítulos "Fonética" e "Fonologia" neste volume.

Menos comuns são os processos de assimilação progressiva, em que um som se assimila a outro que o precede. Vejamos, no exemplo a seguir, a mudança de -ln- do inglês antigo para -ll- em inglês médio.

TABELA 2.6

Inglês Antigo	*Inglês Médio*	
e**ln**	e**ll**e	"unidade de medida"
my**ln**	mi**ll**e	"moinho"

Vejamos agora um exemplo de assimilação progressiva envolvendo vogais em turco. Em turco antigo, as vogais arredondadas (como o [ü] exemplificado na Tabela 2.7) mudaram para não-arredondadas, após vogais não-arredondadas, em turco moderno:

TABELA 2.7

Turco Antigo	*Turco Moderno*	
bil**ü**r	bil**i**r	"ele (sabe)"
gel**ü**p	gel**i**p	"indo"

Finalmente, há os processos de enfraquecimento, que envolvem consoantes em ambiente intervocálico. Há dois tipos principais de enfraquecimento, o que faz uma consoante oclusiva tornar-se continuante, e o que faz uma consoante surda tornar-se sonora. Como exemplo clássico do primeiro, vejamos o caso a seguir do desenvolvimento do português, em que consoantes oclusivas sonoras bilabiais se tornaram fricativas sonoras bilabiais entre vogais:

TABELA 2.8

Latim	*Português*
rubium	ruivo
habēre	haver
amābas	amavas

Como exemplo de enfraquecimento em virtude da mudança de sonoridade da consoante, vejamos o seguinte exemplo também do desenvolvimento do português, em que uma consoante surda tornou-se sonora em ambiente intervocálico:

TABELA 2.9

Latim	*Português*
lupum	lobo
mūtāre	mudar
amīcam	amiga

3.1.3. *Dissimilação*

Embora os processos de dissimilação sejam bem menos comuns do que os de assimilação, eles são importantes o bastante para serem mencionados aqui. Na mudança de som por dissimilação, um de dois sons similares se modifica para ampliar ainda mais a diferença entre eles. Na história do desenvolvimento do latim para o francês (e o português) podemos observar dissimilação tanto de consoantes quanto de vogais.

O exemplo a seguir mostra a mudança de um dos /r/'s do latim para um /l/ no francês[15]. Este mesmo fato ocorreu em português, por exemplo na palavra 'ralo', vinda do Latim, *rarum*.

TABELA 2.10

Latim	*Francês*	
frāgrāre	flairer	"cheirar"
frīgorōsum	frileux	"frio"

No exemplo a seguir, uma de duas vogais iguais sucessivas em latim tornou-se /e/ em francês. O mesmo aconteceu, por exemplo, com a palavra latina *formosum*, que em português arcaico mudou em *fermoso*.

TABELA 2.11

Latim	*Francês*	
dīvīnum	devin	"divino"
succussan	secousse	"choque"

15. Os /g/'s do latim mudam para ã no francês por meio de outra mudança de som.

3.1.4 Duração (ou prolongamento)

O tipo mais comum de mudança de som envolvendo duração é o que se pode chamar de *alongamento compensatório*. Essa mudança ocorre quando a primeira consoante de uma sílaba pesada do tipo VCC cai. Para compensar, então, o peso da sílaba, a vogal que a precede se prolonga. Esse processo é bastante comum nas línguas indo-européias, como mostra o exemplo a seguir, do irlandês antigo:

TABELA 2.12

Celta Comum	*Irlandês Antigo*	
*magl	māl	"príncipe"
*kenetl	cenēl	"gênero"
*etn	ēn	"pássaro"
*datl	dāl	"assembléia"

3.1.5 Metátese

O processo de metátese é o menos freqüente de todos os processos de mudança de som. Na metátese há a inversão de posição de dois sons adjacentes, envolvendo comumente uma consoante líquida e uma vogal. Comparemos, no exemplo a seguir, a mudança do latim para o português:

TABELA 2.13

Latim	*Português*
inter	entre
super	sobre

3.2. Analogia

Muitas mudanças lingüísticas não podem ser explicadas exclusivamente em termos de mudança de som. Certos tipos de mudança são mais apropriadamente agrupados sob a denominação de analogia. De acordo com Arlotto, analogia é "o processo pelo qual uma forma se torna mais parecida com outra forma com a qual ela é de alguma maneira associada".[16]

Um dos principais efeitos do processo analógico é o de fazer com que uma forma inicialmente anômala ou irregular se torne regular. Um exemplo envolvendo analogia pode ser observado no sistema de marcação de plural no inglês moderno quando comparado ao inglês antigo. Em inglês antigo, os nomes (ou substantivos) pertenciam a uma de quatro classes distintas e cada um recebia uma forma de plural específica, dependendo de sua classe. Representamos na Tabela 2.14 a forma de cada uma dessas classes, primeiro no singular e subseqüentemente no plural.

TABELA 2.14

Inglês Antigo singular	*Inglês Moderno singular*	
1. hand	hand	"mão"
2. gear	year	"ano"
3. ēage	eye	"olho"
4. stān	stone	"pedra"

TABELA 2.15

Inglês Antigo plural	*Inglês Moderno plural*	
1. handa	hands	"mãos"
2. gear	years	"anos"
3. ēagan	eyes	"olhos"
4. stānas	stones	"pedras"

Os exemplos das Tabelas 2.14 e 2.15 são ilustrativos de que os nomes em inglês antigo que pertenciam à mesma classe de "hand" marcavam o plural por

16. Arlotto, Anthony. *Introduction to historical linguistics*. Lanham/New York/London. University Press of America, 1972, p. 130.

meio da adição de {-a}; os nomes da mesma classe de "gear" marcavam o plural por meio de um morfema ∅; os nomes da classe de "ēage" marcavam o plural pela mudança do {-e} final para {-a} e adicionando o morfema {-n}; e, finalmente, os nomes da classe de "stān" marcavam o plural por meio do uso do morfema {-as}. Ao compararmos as mudanças do inglês antigo para o inglês moderno, observamos que a marcação do plural se regularizou, passando de quatro formas distintas para apenas uma, a que utiliza o morfema {-as}, reinterpretado mais tarde apenas como {-s}. Tal regularização ocorreu por meio de uma regra de proporção, cuja base foi a marca de plural para a palavra *stone*. Comparada com *hand*, essa regra de proporção é expressa da seguinte maneira:

stone:stones::hand:hands

onde se lê: *stone* está para *stones*, assim como *hand* está para *hands*.

Assim, seguindo esse mesmo processo analógico, o morfema {-s} se estendeu como marca de plural para as demais palavras do inglês.

3.3. Mudança gramatical

Por mudança gramatical deve ser entendido todo processo que tem como resultado uma mudança no sistema gramatical de uma dada língua, seja no âmbito morfológico, seja no sintático[17]. Os processos de mudança gramatical se distinguem, assim, dos processos de mudança de som e de analogia descritos anteriormente justamente pelo fato de, nos últimos, nenhuma alteração gramatical ser produzida como resultado da mudança.

Um exemplo (clássico) de mudança gramatical é a perda da flexão nominal com a conseqüente rigidez na ordem de palavras para expressar relações gramaticais em várias línguas. Esse foi precisamente o caso do desenvolvimento das línguas românicas (português, francês, espanhol, italiano, romeno etc.) a partir do latim. Em latim, a ordem das palavras nas sentenças era livre, e a determinação das relações gramaticais como sujeito e objeto era feita por meio de um sistema de marcação de caso nos nomes que compunham as orações. Com isso, era possível para o falante de latim alterar a ordem dos constituintes sem prejudicar a identificação dessas relações gramaticais. Com a perda do sistema de marcação de caso, a ordem dos constituintes passou a ser fundamental, e as relações de sujeito e objeto passaram a ser determinadas apenas pela sua posição na oração, o sujeito ocorrendo primeiro, seguido do verbo, e depois o objeto. Notemos, no exemplo do latim, que a ordem dos constituintes é alterada sem prejuízo para o seu significado, graças às terminações dos nomes (-us para o nominativo e -am para o acusativo) que mantêm marcadas, respectivamente, as relações gramaticais de sujeito e objeto.

17. Embora mudanças semânticas também estejam, de alguma forma, presentes em toda mudança gramatical, consideraremos tais mudanças separadamente, na seção 3.4.

Marcell-**us**	ama-t	Claudi-**am**
Marcelo-NOM	ama-3sg.PRES	Claudi-ACC

'Marcelo ama Cláudia'

Claudi-**am**	ama-t	Marcell-**us**
Claudi-ACC	ama-3sg.PRES	Marcelo-NOM

'Marcelo ama Cláudia'

Note-se que, no exemplo do português a seguir, como não há marcação de caso, se a ordem dos nomes é alterada, as relações gramaticais também o são. Assim, obtemos significados radicalmente diferentes se alterarmos a posição de "menino" e "cachorro" em:

O menino matou o cachorro. vs. O cachorro matou o menino.

3.4. Mudança semântica

Mudanças semânticas são as mudanças do significado das palavras (ou vocabulário) de uma língua. Até o presente momento da história da Lingüística, ainda não foi possível formular nenhum modelo abstrato de mudança semântica, como foi feito para as mudanças fonético-fonológicas e gramaticais. Isso se deve, em grande parte, à incapacidade de qualquer modelo de conseguir tratar, de maneira sistemática, todos os casos (ou tipos) de mudança envolvendo significado. Não obstante, interessantes observações envolvendo mudança semântica têm possibilitado o reconhecimento de alguns mecanismos que podem causar ou promover mudanças de significado. Entre esses mecanismos encontram-se os processos de aparecimento (ou neologismo), obsolescência, contato semântico, isolamento de formas e deslocamento semântico. Veremos, a seguir, cada um desses mecanismos.

3.4.1. Aparecimento ou neologismo

Quando um novo item é inserido no léxico de uma língua, seja por mecanismos internos ou externos, ocorre o fenômeno de aparecimento. Essa inserção pode se dar por diversos fatores como, por exemplo, pela necessidade de se nomear novas descobertas ou invenções (ex. *cd-player*), e novas atitudes ou tendências ligadas a um nome próprio (ex. narcisismo, getulismo) etc.[18]

Dentre as classes de palavras passíveis de terem acrescido um novo item lexical, a mais comum é a classe dos nomes, pelo processo de empréstimo lingüístico. Como exemplos de empréstimo lingüístico podemos citar, em português brasileiro, a ocorrência de nomes de origem indígena, principalmente tupinambá, graças à história do contato entre portugueses e índios desde o início da colonização[19]. Assim, temos nomes de origem indígena para designar os mais variados referentes, como animais: *acará*, *pacu*, *jibóia* etc.; plantas: *jacarandá*, *mandioca* etc.; objetos: *maracá*, *arapuca* etc.; comidas típicas: *beiju*, *piracuí* etc.; lugares: *Capanema* (mata ruim, imprestável), Jaguariúna (rio preto das onças) etc. Outros nomes estrangeiros não-indígenas também fazem parte do português atual, tais como *software*, *mouse* etc., provenientes do inglês; *déjà vu*, *chique*, *menu*, *corbelha* etc., do francês; *haraquiri*, *nissei* etc., do japonês; *bazar* etc., do persa; *quibe* etc., do árabe; *iogurte* etc., do turco; *ioga*, *laca* etc., do sânscrito.

3.4.2. Obsolescência

Obsolescência é o processo exatamente oposto ao de aparecimento, em que um item lexical cessa de existir em uma dada comunidade lingüística graças, principalmente, à sua baixa freqüência de uso. Em função da existência de mecanismos de recuperação, como os registros escritos (ex. textos antigos, dicionários etc.) ou a própria memória (no caso das línguas ágrafas), não é possível estabelecer com precisão quando um item lexical não faz mais parte do vocabulário de uma dada língua. Algumas palavras do português que provavelmente já sofreram o processo de obsolescência são, por exemplo, *alugatário* ("inquilino, locatário"), *clavina* ("carabina"), *monoquini* ("maiô de uma peça"), *repostaria* ("dependência dos palácios e casas nobres") e *tassalho* ("fatia grande").

18. Para um maior aprofundamento dos diferentes tipos de aparecimento, com ênfase no português do Brasil, ver Alves, I., *Neologismo*, São Paulo, Ática, 1994.

19. Ver Cunha, A. G. da, *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*, São Paulo, Melhoramentos, 1978.

3.4.3. Contato semântico

A mudança semântica por contato semântico se dá quando um item lexical existente adquire um outro significado a partir de um contexto específico. Um exemplo clássico desse tipo de mudança pode ser observado na palavra *bead*, do inglês, que atualmente significa "conta de um colar". *Bead* provém do inglês antigo, *gebed*, e significava "reza, oração". A explicação da mudança de significado de "reza" para "conta" vem do fato do costume, entre os membros da Igreja Católica, de contar suas *rezas* ou *orações* em rosários, formados por *contas*. O novo sentido de *bead*, como "conta", no entanto, só foi possível de se estabelecer plenamente quando a palavra *prayer* foi emprestada do francês para cobrir o sentido antigo de "reza, oração".

3.4.4. Isolamento de formas

A mudança semântica por isolamento de formas se dá quando um item particular de um grupo relacionado de formas (paradigma) se distancia do resto e assume um significado distinto. Um exemplo disso é a palavra do latim *tectum*, "teto". Originalmente, esta palavra era uma derivação de *teg-*, "cobrir" e *-tum*, um sufixo usado produtivamente para formar nomes de verbos. Com o desenvolvimento do latim arcaico para o latim clássico, -tum passou a não ser mais produtivo, e *tectum* pôde assumir o significado especializado de "teto".

3.4.5. Deslocamento semântico

Embora praticamente ilimitado, o fenômeno de deslocamento semântico pode ser classificado em pelo menos quatro tipos distintos, de acordo com sua natureza: a) *extensão*; b) *estreitamento*; c) *uso figurativo;* d) *desvio*. Descreveremos cada um desses fenômenos a seguir.

a) *Extensão*: por extensão de significado entendemos o fenômeno pelo qual o(s) sentido(s) de um dado item lexical aumenta(m) em número com o passar do tempo. Observamos isso, por exemplo, na palavra *salário*, que em

português moderno significa "pagamento em dinheiro pelo trabalho regular de qualquer pessoa". A palavra ancestral de *salário* é *salārium* do Latim, e tinha o significado limitado de "pagamento em qualquer espécie pelo trabalho regular de um soldado". *Salārium*, por sua vez, foi primeiramente usado para significar "pagamento *em sal* pelo trabalho regular de um soldado". Houve, então, as seguintes extensões de significado de salário, a partir do seu significado original: "pagamento *em sal* pelo trabalho regular de um soldado" > "pagamento em qualquer espécie pelo trabalho regular de um soldado" > "pagamento em dinheiro pelo trabalho regular de qualquer pessoa".

b) *Estreitamento:* estreitamento (ou restrição) é o processo inverso da extensão. Por meio dele, um item lexical tem seu significado estreitado ou restringido. Um exemplo do português é a palavra *pílula* que, em seu sentido original significa "medicação em forma comprimida para ser tomada oralmente", mas que, por um processo de estreitamento de sentido, está passando a significar "contraceptivo oral".

c) *Uso figurativo:* um dos processos mais freqüentes de deslocamento semântico acontece pelo uso figurativo da linguagem. Uso figurativo ocorre quando há um deslocamento (na maioria das vezes intencional) do sentido original de uma palavra, por meio dos processos tradicionalmente conhecidos como metáfora, metonímia, sinédoque etc. Como exemplo ilustrativo de uso figurativo, vejamos um caso de deslocamento de significado envolvendo a palavra "boneca". Quando dizemos que tal mulher ou criança é uma *boneca*, para nos referirmos à sua beleza física, estamos deslocando, do significado original de "boneca", sua propriedade de ter invariavelmente formas bem-feitas e de ser bonita, e caracterizando também a referida mulher ou criança como possuindo as mesmas características. Depois de ser aceito e difundido pela comunidade de falantes de português, tal uso fez com que a palavra "boneca" tivesse significado duplo (ou duas entradas no dicionário), e equivalesse, além do seu sentido original, também ao significado de "mulher ou criança bonita".[20]

d) *Desvio*: desvio é o processo pelo qual um item lexical continua a existir, apesar de seu significado mudar (se desviar) sem grandes mudanças no seu campo semântico original. Um exemplo de desvio é a palavra inglesa *artillery,* "artilharia", do inglês médio *artillerie*, que se referia aos utensílios e armas de guerra do chão utilizados naquela época, como catapultas, flechas etc., e que,

20. Para efeito meramente ilustrativo, vejamos o que o dicionário Aurélio, em sua versão CD-ROM, traz como significado para o verbete *boneca:* 1. Figura de trapo, louça, madeira, plástico, etc., que imita uma forma feminina e serve como brinquedo de criança ou enfeite. [Sin. (fam.): nena.]; 2. Fig. Mulher excessivamente enfeitada e/ou de corpo pequeno e bem-feito; 3. Mulher charmosa e bonita.

presentemente, se refere aos utensílios modernos como tanques, canhões, metralhadoras, morteiros etc.

Os mecanismos de mudança lingüística, tais como os aqui descritos (mudança de som, analogia, mudança gramatical e semântica), são utilizados como base para o estabelecimento de classificações genéticas entre diferentes línguas e para a reconstrução de protolínguas. Passemos agora à descrição de como se dão os processos de classificação genética e de reconstrução lingüística[21].

4. Classificação genética e reconstrução

Um dos propósitos da Lingüística Histórica é a classificação genética entre línguas e sua reconstrução. Nesta seção trataremos de descrever e exemplificar o que é a classificação genética de línguas e como se faz a reconstrução da fase pré-histórica de uma língua. Tentaremos responder a questões como: (i) o que significa, exatamente, classificar uma língua geneticamente?; (ii) o que são duas (ou mais) línguas geneticamente relacionadas?; (iii) como é determinado o grau de parentesco entre elas?

4.1. Classificação genética

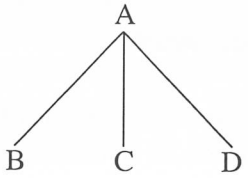
Classificação genética é o processo pelo qual línguas distintas são agrupadas em uma dada classe, seguindo critérios que podem ser tipológicos (referentes ao compartilhamento de traços fonético-fonológicos e gramaticais) ou teóricos (referentes à ocorrência de correspondências recorrentes entre elementos lingüísticos não-universais).

As primeiras classificações genéticas sistemáticas de línguas seguiram critérios teóricos, baseados em correspondências de som, e começaram apenas depois dos estudos de Grimm e Verner. Com base nos postulados envolvendo mudanças de som, foi possível verificar até que ponto semelhanças entre duas ou mais línguas eram devidas a empréstimo lingüístico, ao mero acaso, ou, prin-

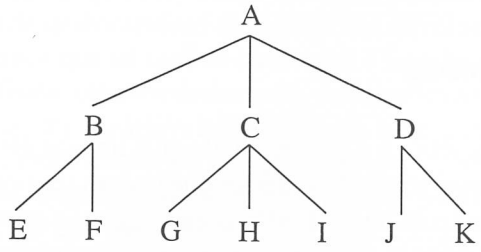
21. Para exemplos de trabalhos de classificação genética envolvendo línguas indígenas brasileiras, ver Gabas (1997); Moore (1994); Rodrigues (1964,1966, 1980, 1985, 1995). Para exemplos de trabalho de reconstrução histórica envolvendo o português, ver Coutinho (1970); Tarallo (1990) e Ilari (1999). Sobre um trabalho envolvendo o desenvolvimento de uma língua indígena, ver Jensen (1989).

cipalmente, a recorrentes correspondências de som, o que apontava para uma mesma ascendência genética. Neste último caso, a hipótese era de que as línguas em questão eram, no passado, uma única língua, chamada *língua comum* ou *língua-mãe*.

Para expressar o relacionamento genético entre línguas aparentadas, o meio mais utilizado até hoje (ainda que não o melhor) é o diagrama em árvore, criado pelo alemão August Schleicher, no século XIX. Como exemplo de um diagrama em árvore, consideremos as línguas A, B, C e D a seguir:



Neste diagrama, A é considerada língua-mãe, e as línguas B, C e D são seus descendentes diretos e consideradas línguas-irmãs entre si. É possível, ainda, ter ramificações mais profundas, como, por exemplo:



onde [E e F], [G, H e I] e [J e K] formam três subgrupos distintos de línguas-irmãs entre si, cujas línguas-mães são, respectivamente B, C e D, que também são, por sua vez, línguas-irmãs entre si, e que têm A como língua-mãe.

Quanto aos níveis de classificação em que se agrupam as línguas, existem os *troncos lingüísticos* e as *famílias lingüísticas*. Um tronco lingüístico é formado por uma ou mais *famílias lingüísticas*, cada família possuindo uma ou mais línguas-irmãs, como ilustra o diagrama acima. É importante ressaltar que é praticamente impossível para o lingüista determinar, de maneira precisa, em que ponto da história de uma língua esta se dividiu em duas (ou mais) e assim por diante, até chegar ao presente. Estudos mostram, no entanto, que

o grau de profundidade temporal de um tronco lingüístico varia de 5.000 a 6.000 anos, e o de uma família lingüística varia de 2.000 a 4.000 anos. Embora haja lingüistas que se lancem a propor relacionamentos genéticos de línguas por períodos além do nível de tronco lingüístico, acreditamos que este seja o nível mais alto de parentesco genético a que se possa chegar com segurança, já que propor um nível superior implicaria a criação de hipóteses pouco sustentáveis e de alta improbabilidade. Como observação final, é importante lembrar que, embora a ocorrência de grupos de línguas aparentadas seja uma regra entre as línguas do mundo, existem línguas que não são geneticamente classificadas como pertencendo a um grupo lingüístico ou outro. Tais línguas são, por isso, denominadas *línguas isoladas*. O exemplo clássico de língua isolada é o basco, falado na Espanha. No Brasil, várias línguas indígenas são classificadas como isoladas, por exemplo, o koaiá (ou kwazá) e o aikaná, no Estado de Rondônia; o irántxe e o trumái, no Estado do Mato Grosso; e o tikúna, no Estado do Amazonas.

4.2. Reconstrução lingüística

Uma vez determinado o parentesco genético entre duas ou mais línguas, o passo seguinte é o da *reconstrução* da língua-mãe, com a descrição mais completa possível das mudanças que se sucederam, e que resultaram nos seus descendentes. Para reconstruir uma língua-mãe a partir de seus descendentes, o método utilizado é o *método comparativo*, que envolve o estabelecimento de correspondências de elementos fonéticos e fonológicos[22] entre palavras *cognatas*[23] nas línguas envolvidas, e a projeção desses elementos no passado, propondo um ancestral cujo desenvolvimento pode ser demonstrado como fonte do que existe no presente. Como um exemplo de reconstrução no nível fonológico, vejamos a Tabela 2.16, contendo palavras[24] de algumas línguas de diferentes famílias do tronco tupi (Tu = Tupinambá, família Tupi-Guarani; Aw = Awetí, família Awetí; Mu = Mundurukú, família Mundurukú; Ka = Karo, família

22. Apesar de o método comparativo ter seu início no nível da fonologia, atualmente, graças ao avanço dos outros níveis de análise lingüística, ele se estende aos níveis da morfologia e da sintaxe.

23. Palavras cognatas são palavras que se assemelham em forma e significado, não devido ao acaso ou a empréstimos lingüísticos, mas a uma mesma filiação genética. No método comparativo, as palavras mais utilizadas como itens comparáveis e, portanto, mais suscetíveis de serem cognatas entre si são os nomes de partes do corpo, de relações de parentesco, e de elementos da natureza.

24. No trabalho "real" de reconstrução fonológica, um número muito superior de itens lexicais (entre 400-500) são coletados, comparados e analisados.

Ramarama; Kt = Karitiána, família Arikém; Tp = Tuparí, família Tuparí; e finalmente Ga = Gavião, família Mondé).[25]

TABELA 2.16 LISTA DE PALAVRAS EM DIFERENTES LÍNGUAS DO TRONCO TUPI

Tu	Aw	Mu	Ka	Kt	Tp	Ga	
1. po	po	bɨ	pá	pɨ	po	pabe	"mão"
2. ʧi	—	—	ʧi	—	ni	ʧĩ	"envergonhar-se"
3. men	men	—	mẽn	mana	men	met	"marido"
4. kɨr	kɨr	kit	—	ket	kɨt	kír-i	"imaturo"
5. ʔa	ʔa	ʔa	ʔa	ʔo	ʔa	ʔaa	"fruta"

O primeiro passo no trabalho de reconstrução é o de estabelecer as correspondências de som, pela comparação dos itens lexicais. Trataremos primeiramente das vogais, e depois das consoantes. Como correspondências vocálicas entre as línguas acima, temos o seguinte:

TABELA 2.17 CORRESPONDÊNCIAS VOCÁLICAS ENTRE AS PALAVRAS DA TABELA 2.16

	Tu	Aw	Mu	Karo	Kt	Tp	Ga
1.	o	o	ɨ	á[26]	ɨ	o	a
2.	ĩ	—	—	ĩ	—	i	ĩʧ
3.	e	e	—	ẽ	a	e	e
4.	ɨ	ɨ	i	—	e	ɨ	i
5.	a	a	a	a	o	a	aa

O passo seguinte é o de comparar as correspondências obtidas entre si, com o intuito de hipotetizar qual fonema estava presente na proto-língua, ou língua comum, do qual cada um dos seus descendentes se desenvolveu. As hipóteses a serem criadas devem seguir regras plausíveis que, de preferência, tenham alguma motivação fonética, e que considerem o padrão fonológico da proto-língua a ser recriado como um todo. Por uma questão prática, analisaremos primeiramente as correspondências expressas nas linhas 2-5. Temos, então:

TABELA 2.18 CORRESPONDÊNCIAS VOCÁLICAS DAS LINHAS 2-5 DA TABELA 2.17

	Tu	Aw	Mu	Ka	Kt	Tp	Ga
2.	ĩ	—	—	ĩ	—	i	ĩʧ
3.	e	e	—	ẽ	a	e	e
4.	ɨ	ɨ	i	—	e	ɨ	i
5.	a	a	a	a	o	a	aa

As correspondências da linha 2 apontam estatisticamente para a possibilidade de ter havido um fonema /*i/ no proto-tupi. Assumiremos esta hipótese como a mais plausível, e reconstruiremos o fonema vocálico /*i/ como primeiro integrante do conjunto de vogais da proto-língua, o proto-tupi. Com relação à linha 3, é igualmente plausível que tenha existido um fonema /*e/ que tenha se tornado /a/ em Karitiána.

A linha 4 é aparentemente um pouco mais problemática, pois temos a possibilidade de reconstruir três vogais a partir dos reflexos encontrados: /*ɨ/, /*i/ ou /*e/. Entretanto, se considerarmos o fato de que as vogais /*i/ e /*e/ já foram reconstruídas a partir dos reflexos encontrados nas linhas 2 e 3, respectivamente, resta-nos a possibilidade de reconstruir um proto /*ɨ/, que teria mudado em /i/ em Mundurukú e Gavião, e em /e/ em Karitiána.

Na última linha vemos que é muito provável a existência de um /*a/ no proto-tupi, que se manteve como tal em todas as línguas dos nossos exemplos, exceto em Karitiána, onde o proto /*a/ mudou para /o/. Voltemos agora à nossa primeira linha de correspondências, ainda não analisada, que reproduzimos a seguir.

TABELA 2.19 CORRESPONDÊNCIAS VOCÁLICAS DA LINHA 1 DA TABELA 2.17

	Tu	Aw	Mu	Ka	Kt	Tp	Ga
1.	o	o	ɨ	á	ɨ	o	a

25. Os exemplos aqui citados, exceto os de Karo, são de Rodrigues (1986/1995). As palavras do Karo são de nossa própria base de dados.

26. Por uma questão de simplicidade, desconsideraremos, em nossa tabela de correspondências, as ocorrências de fenômenos supra-segmentais, como tom alto (ex., Karo [á]), nasalidade (ex., Karo [e])] e prolongamento (ex., Gavião [ii]).

O problema que se coloca em relação às correspondências acima é o mesmo encontrado com relação à linha 4, isto é, a existência de um leque razoavelmente grande de possibilidades de reconstrução para a vogal original: como propor uma proto-vogal baseados em três diferentes reflexos, /o/, /ɨ/ e /a/? Em primeiro lugar devemos deixar claro que o ideal seria possuir mais dados para verificar se as correspondências observadas são consistentes em todas as línguas ou não. Consideraremos, entretanto, que, para fins didáticos, os dados anteriores são representativos. O método, então, a ser usado, deve seguir uma argumentação clara, como a aplicada na determinação da proto-vogal /*ɨ/. Assim, a partir dos reflexos encontrados na linha 1, não poderíamos postular a existência de uma proto-vogal /*ɨ/ ou /*a/, pois tanto /*ɨ/ quanto /*a/ já foram reconstruídos a partir de outros reflexos, os encontrados, respectivamente, nas linhas 4 e 5, conforme descrevemos. A solução mais adequada, então, seria postular a existência de um proto-fonema /*o/, que teria se mantido como tal em Tupinambá, Awetí e Tuparí, mudado em /ɨ/ em Mundurukú e Karitiána, e em /a/ em Karo e Gavião. O sistema vocálico do proto-tupi, de acordo com os dados disponíveis, seria, então, composto das seguintes vogais:

*i *ɨ *o
*e *a

Passemos agora a analisar as correspondências das consoantes em nossos exemplos de línguas tupi, apresentadas na Tabela 2.20.

TABELA 2.20 CORRESPONDÊNCIAS ENTRE CONSOANTES DAS PALAVRAS DA TABELA 2.16

	Tu	Aw	Mu	Ka	Kt	Tp	Ga
1.	p	p	b	p	p	p	p
2.	t	—	—	t	—	n	t
3.	m	m	—	m	m	m	m
4.	n	n	—	n	n	n	n
5.	k	k	k	—	k	k	k
6.	r	r	t	—	t	t	r
7.	ʔ	ʔ	ʔ	ʔ	ʔ	ʔ	ʔ

Sobre a linha 1 da Tabela 2.20, podemos hipotetizar a ocorrência de uma consoante oclusiva bilabial surda /*p/ no proto-tupi, já que as correspondências

entre as línguas são quase unânimes. Para dar conta da única ocorrência de /b/ como reflexo de /*p/ em Mundurukú, é possível dizer que /*p/ tenha mudado em /b/, em Mundurukú, em ambiente de início de palavra (ver o exemplo 1 da Tabela 2.1).

Sobre a linha 2, é possível hipotetizar a existência de um proto-fonema /*t/, que provavelmente teria se nasalizado (mudado em /n/), em início de palavra, em Tuparí.

As correspondências levantadas na linha 3 apontam diretamente para a reconstrução de um proto-fonema /*m/, já que o reflexo /m/ é o único encontrado nas línguas descendentes.

Na linha 4, pudemos reconstruir um proto-fonema /*n/, que se realizaria como tal em todas as línguas de nossos exemplos, exceto em Gavião, onde teria se desnasalizado e mudado para /t/.

Na linha 5, reconstruímos o proto-fonema /*k/, que se realiza como tal em todas as línguas.

Com relação à linha 6, deixaremos a determinação do proto-fonema sem uma solução definitiva, uma vez que é possível hipotetizar tanto a existência de /*t/ quanto de /*r/ como fonema original (note-se que /t/ ocorre como reflexo em três das línguas de nossos exemplos, Mundurukú, Karitiána e Tuparí, enquanto /r/ ocorre em outras três: Tupinambá, Awetí e Gavião)[27]. Apenas com a coleta e análise de mais dados é que poderemos decidir pela ocorrência de /*t/ ou /*r/ como proto-fonema do proto-tupi. Vale ressaltar que, caso /*t/ fosse confirmado como o fonema original, o fato de já termos definido a ocorrência de outro /*t/, a partir das correspondências encontradas na linha 2, não constituiria um problema para nossa análise, uma vez que, esse segundo /*t/ ocorre em ambiente de início de palavra, enquanto o primeiro /*t/ (reconstruído a partir das correspondências da linha 6) ocorre em ambiente de fim de palavra.

Finalmente, as correspondências apresentadas na linha 7 apontam para a reconstrução de um proto-fonema /ʔ/, já que é unânime a ocorrência desse fonema em todas as palavras nas línguas em questão.

---

27. Apesar disso, podemos antecipar quais devem ter sido as regras de mudança de som ocorridas tanto no caso de /*r/ quanto de /*t/ serem caracterizados como o protofonema original. Caso se comprove a ocorrência de /*r/, é possível postular que /*r/ tivesse mudado em /t/ em Mundurukú, Karitiána e Tuparí em ambiente de final de palavra. Caso se comprove a ocorrência de /*t/, é possível postular que /*t/ mudou em /r/ em dois ambientes distintos: (i) em final de palavra nas línguas Tupinambá e Awetí e (ii) entre vogais na língua Gavião.

Com base nas reconstruções efetuadas, o quadro fonológico parcial das consoantes da proto-língua ficaria assim representado:

*p	*t	*k	*ʔ
*m	*n	(*r)	

Após a reconstrução dos elementos tanto vocálicos quanto consonantais do proto-tupi, o passo final da reconstrução fonológica é proceder à reconstrução de cada uma das palavras dos nossos exemplos usando tais elementos. O resultado é o seguinte:

1.	*po	"mão"
2.	*ti (ou *ʧi)	"envergonhar-se"
3.	*men	"marido"
4.	*kɨt (ou *kɨr)	"imaturo"
5.	*ʔa	"fruta"

Finalmente, devemos ressaltar que o trabalho de reconstrução de uma língua somente estará terminado quando, além da reconstrução fonética/fonológica, forem também cumpridas as etapas de reconstrução morfológica e sintática, para as quais são utilizados procedimentos gerais de análise e levantamento de hipóteses como os observados na reconstrução fonológica. Tais etapas de reconstrução não serão, no entanto, objeto de análise deste capítulo.

O apêndice que se segue é uma representação do tronco lingüístico tupi[28]. Por uma questão prática, não incluímos a descrição das línguas da família tupi-guarani, a maior família do tronco tupi. Ela é composta de aproximadamente 30 línguas faladas no Brasil e nos países vizinhos, e de várias línguas que já desapareceram, entre elas o Tupinambá. Relacionamos, no entanto, a seguir, as línguas dessa família, em que dialetos de uma mesma língua são marcados por letras minúsculas (ex. a), b), c) etc.), e línguas faladas em mais de um país são marcadas com um asterisco (*).

Línguas tupi-guarani do Brasil (segundo Rodrigues, 1986):

1. Akwáwa: a) Asuriní do Tocantins; b) Suruí do Tocantins; c) Parakanã
2. Amanayé
3. Anambé
4. Apiaká
5. Araweté

28. Esta classificação baseia-se em Rodrigues, 1964, 1966, 1985 e Gabas, 1997.

6. Asuriní do Xingu
7. Avá (Canoeiro)
8. Guajá
9. Guaraní*: a) Kaiwá; b) Mbiá; c) Nhandéva
10. Kamayurá
11. Kayabí
12. Kokáma*
13. Língua Geral Amazônica (Nheengatu)
14. Omágua*
15. Parintinín: a) Diahói; b) Júma; c) Parintinín; d) Tenharín
16. Tapirapé
17. Tenetehára: a) Guajajára; b) Tembé
18. Uruewauwáu
19. Urubú
20. Wayampí*
21. Xetá

Línguas tupi-guarani do Exterior (Denny Moore, em comunicação pessoal):

1. Chiriguáno	-	Paraguai
2. Emerillon	-	Guiana Francesa
3. Guaraní*	-	Paraguai e Bolívia
4. Guarasúgwe	-	Bolívia
5. Guaráyo	-	Bolívia
6. Kokáma*	-	Peru
7. Omágua*	-	Peru
8. Sirionó	-	Bolívia
9. Tapiete	-	Bolívia
10. Wayampí*	-	Guiana Francesa
11. Yukue (Bia-Ye)	-	Bolívia

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo*. São Paulo, Ática, 1994.

ANTILLA, Raimo. *Historical and comparative linguistics*. Current Issues in Linguistic Theory 6. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Company, 1989.

ARLOTTO, Anthony. *Introduction to historical linguistics*. Lanham/New York/London, University Press of America, 1972.

BYNON, Theodora. *Historical linguistics*. Cambridge Textbooks in Linguistics. Cambridge, Cambridge University Press, 1977.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *História da lingüística*. Petrópolis, Vozes, 1975.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1970.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. São Paulo, Melhoramentos, 1978.

FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica. Uma indrodução ao estudo da história das línguas*. São Paulo, Ática, 1991.

GABAS Jr., Nilson. *Internal classification of the ramarama family, Tupi Stock*. Trabalho apresentado no 49º Congresso Internacional de Americanistas. Quito, Equador, 1997.

HOCK, Hans Henrich. *Principles of historical linguistics*. Trends in Linguistics - Studies and monographs 34. Berlin/ New York/Amsterdam, Mouton de Gruyter, 1986.

ILARI, R. *Lingüística românica*. São Paulo, Ática, 1999.

JENSEN, Cheryl Joyce S. *O desenvolvimento histórico da língua Wayampi*. Campinas, UNICAMP, 1989.

LABOV, William. Resolving the neogrammarian controversy. *Language*, 2 (57): 267-308, 1981.

MOORE, Denny. A few aspects of comparative Tupi syntax. In 47º Congresso internacional de americanistas. 1994. Mary Ruth Wise (ed.). *Revista Latinoamericana de estudios Etnolinguisticos*, 8: Linguistica Tupi-Guarani e Caribe. Lima, Peru. 1994.

RODRIGUES, A.D. A classificação do tronco lingüístico tupi. *Revista de Antropologia*. São Paulo, n.12, pp.99-104, 1964.

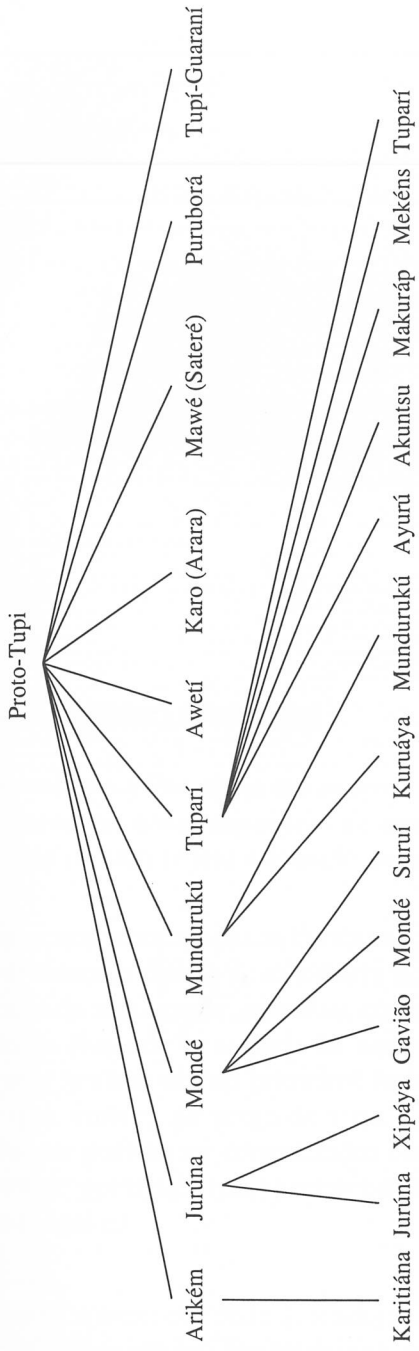
_____. Classificação da língua dos Cinta-Larga. *Revista de Antropologia*. São Paulo, n.14, pp.27-30, 1966.

_____. Tupinambá e mundurukú: evidências fonológicas e lexicais de parentesco genético. *Estudos Lingüísticos, Anais de Seminários do GEL*. Araraquara, n. 3, pp.194-209,1980.

_____. Relações internas na família lingüística tupi-guarani. *Revista de Antropologia*. São Paulo, n. 27/28, pp.33-53, 1985.

_____. *Línguas brasileiras*. Para o conhecimento das línguas indígenas brasileiras. São Paulo, Loyola, 1986.

_____. Glottalized Stops in Prototupi. Trabalho apresentado no *Encontro da Sociedade para o Estudo das Línguas Indígenas das Américas (SSILA)*. Albuquerque, Estados Unidos, 1995.

TARALLO, Fernando. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1990.

Apêndice I. Classificação do tronco lingüístico tupi